



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

O Padre Conselheiro Espiritual

Para os padres Conselheiros Espirituais: 3

9/09/2015

Como sabemos, há sete sacramentos: os três sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia – os dois sacramentos de cura – Reconciliação e Unção dos Doentes – e, por último, os dois sacramentos ao serviço da comunhão: o sacramento da Ordem e o sacramento do Matrimónio. É nestes dois últimos que nos vamos centrar. Mas vou fazê-lo a partir do sacramento da Ordem. Vejamos juntos a figura do Padre Conselheiro Espiritual. E vamos fazê-lo de forma concreta.

I. Fundamentos para a vida do padre

1. O fascínio

O primeiro fundamento para a vida de um padre é ter sido «**seduzido**» por Deus. Há sempre um fascínio na origem da nossa entrega a Deus. Deus manifestou-se-nos através de uma leitura, de um encontro, de uma oração, enfim, de um acontecimento geralmente simples e decisivo, e dizemos: «A minha vida é isto!». Depois, há que verificar essa intuição e ter a opinião de pessoas de bom senso; é necessário verificar se temos as capacidades para seguir esse caminho e descobrir que a história da nossa vida encontra aí uma realização. Os responsáveis da Igreja falarão. Mas, basicamente, Deus seduziu-nos, fascinou-nos, faz-nos felizes e apazigua-nos.

Recordemos o Pe. Caffarel: «*Aos vinte anos, Jesus Cristo, de repente, tornou-se Alguém para mim. Mas não foi nada de espectacular. Nesse longínquo dia de Março de 1923, fiquei a saber que era amado e que amava, e que, daí em diante, a minha relação com Ele seria para toda a vida. Tudo estava jogado*». É uma recordação inesquecível. Cada um de nós tem o seu luminoso relato de vocação.

Como não fazer uma comparação com os **jovens casados**? Um dia, aquela ou aquele, torna-se “única ou único”. Sobrevém o fascínio. Porquê essa atracção? Fruto do acaso? Mas é uma coisa tão decisiva na nossa vida! O cristão dirá, com razão, que aquilo vem de Deus. O Senhor dá-os um ao outro para serem fonte de bênçãos.

2. A experiência da salvação

O segundo fundamento para a vida do padre é ter feito a experiência da salvação. «O Senhor levou-me para lugar seguro, salvou-me porque me tem amor» (Salmo 17,20). Como poderia um padre ajudar os outros se ele próprio não tivesse sido ajudado e arrancado às trevas? A experiência pascal é o fundamento da vida dos cristãos, por maioria de razão a do padre. É um caminho pessoal, mas também um caminho percorrido com outras pessoas.



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

O salmista (17,20) fornece também uma chave para a compreensão: «Salvou-me porque me tem amor». Fazer a experiência da salvação é já uma coisa magnífica. Mas **saber que se é amado** é muito mais, muito mais maravilhoso. Porque perder-se, cair, pode acontecer novamente. Mas ser amado, desde sempre e para sempre, ser amado e escolhido, desde toda a eternidade, pelo Deus de amor, isso fundamenta toda uma vida e dá equilíbrio para sempre.

Ainda no relato da sua vocação, o Pe. Caffarel, descobre «que é amado»! E não cessará de o dizer mais tarde. Escutemo-lo: *«É preciso apresentar aos outros Jesus Cristo, dizendo-lhes que são amados pessoalmente. É isso que muda a vida de uma pessoa no dia em que descobre que é amada por Deus, pessoalmente e não de forma anónima. Cristo ama-nos tal como somos, com o nosso bem e com o nosso mal, com as nossas misérias e com as nossas virtudes. Somos olhados com aquele olhar de amor de que fala o evangelho. É uma grande verdade que tem de se dizer e repetir: os homens têm fome e sede. Têm necessidade de descobrir que são amados porque esse amor faz descobrir neles alguma coisa a amar. Não os ouvimos muitas vezes dizer que neles não há nada a amar? Nem eles se amam a si mesmos; é esta a grande descoberta»* (Radio Canada, 1980).

O ministério do padre – sobretudo juntos dos casais – consiste em mostrar a todos que Deus os ama e que eles se podem amar uns aos outros.

3. O serviço aos outros

Permitam-me que vos conte uma recordação pessoal. Devia eu ter uns quinze anos. A minha mãe contava-me uma conversa que tinha tido com o seu irmão dominicano. Eu tinha-lhe falado, já há uns tempos, do meu desejo de ser padre. E ela disse ao meu tio: «Sabes, creio que o Paul-Dominique pensa ser padre». Resposta: «Ah sim? **Ele presta algum serviço?**». Já não sei o que a minha mãe lhe respondeu, mas mantenho essa pergunta do meu tio como um critério de discernimento para se ser padre. Se alguém nunca se levanta da mesa e deixa que sejam sempre os outros a servi-lo, se não sente a urgência de fazer bem aos outros, como pode entrar para o serviço de Deus que pede tudo, de Deus que não cessa de nos orientar para os outros?

A este respeito, o Pe. Caffarel tem uma palavra decisiva, tanto para os padres como para os casais que querem entrar para as Equipas de Nossa Senhora: *«É preciso voltar sempre àquela verdade primeira: **quem vem para receber parte de mãos vazias; que vem para dar encontra**»* (Lettre mensuelle, éditorial décembre 1948).

Esta máxima ilustra bem o que a Igreja afirma acerca dos dois sacramentos, da Ordem e do Matrimónio: ambos estão «ao serviço da comunhão». Os esposos são dados um ao outro para se conduzirem um ao outro a Deus, à felicidade de Deus. O padre está totalmente orientado para a salvação dos outros. Os esposos estão também orientados para a salvação do cônjuge, bem como para a salvação dos outros casais.

II. O Pe. Caffarel enquanto sacerdote

Permitam-me que repita o que acabo de dizer ao falar-vos mais directamente do Pe. Caffarel. Ele não é pródigo em confidências sobre si próprio. Deu-nos dois relatos da sua vocação, e citamo-los muitas vezes. Mas dá-nos poucos esclarecimentos sobre a sua maneira de ser padre. É preciso perceber que justamente este silêncio sobre si próprio corresponde ao seu desejo mais profundo: como padre, não deve dar senão Deus. Quantos padres agem assim?

Num número de *L'Anneau d'Or* de 1955 intitulado «L'homme de Dieu» (O homem de Deus) (pp. 354-356), o Pe. Caffarel parece falar do padre em geral. À força de o ler e reler, parece-me que ele faz o seu auto-retrato. Recebemos dele confidências e um belo ensinamento.

1. A sua pobreza

«No dia em que Jesus Cristo nos pediu, a nós padres, que Lhe entregássemos a nossa miserável humanidade leprosa, ferida, marcada pelos estigmas do pecado, para poder voltar a viver no meio dos homens e continuar junto deles o seu ministério sacerdotal, pensam que não trememos, que não Lhe fizemos notar a sua imprudência?» (Ibid.).

A experiência do P. Caffarel está na linha daqueles que encontraram Deus. Trata-se de um encontro fundamental, luminoso, como para todos nós. Mas o evangelho evoca o apóstolo Pedro relutante diante de Jesus: «*Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador*» (Lc 5,8). Pobreza daqueles que são chamados.

2. A sua humildade

«Surpreender-vos-ei se confessar que um padre receia quase tanto atrair pelos seus dons como afastar pelos seus defeitos? Porque a sua missão não é conquistar para si próprio o coração dos homens, mas para aquele a quem ele não quer senão servir. [...] A grandeza do padre não se manifesta nas suas obras, não brilha nas suas palavras, não se evidencia. Pelo contrário, é completamente interior. É sobrenatural, só pode ser conhecida e revelada pela fé. Felizes aqueles que, através do homem, dos seus defeitos ou dos seus dons, conseguem encontrar o sacerdote, o único sacerdote, Jesus Cristo» (Ibid.).

O retrato do Pe. Caffarel por ele próprio torna clara a sua discrição, o seu recuo constante diante dos outros: só Deus deve ser dado. Toda a sua vida foi assim.

3. O seu amor a Deus e aos outros

O Pe. Caffarel diz do padre e dele próprio ainda outra coisa que será particularmente esclarecedora para nós, Conselheiros espirituais. Fala de Cristo e do padre, na sua esteira, como «*mediador*».



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

O padre «é o homem que está no meio, não para separar mas para unir, o homem que vai de Um para os outros, de Deus para os homens, a fim de realizar uma aproximação e uma aliança. [...] Dois amores habitam o seu coração, o amor a Deus e o amor aos homens. É por isso que o vemos ora misturado com os irmãos, partilhando a sua existência, assumindo as suas dores e as suas alegrias, ora retirando-se para a oração na intimidade do seu Deus. Aos homens, fala de Deus; a Deus, fala dos homens, perseguindo um único objectivo: a união de Deus com os homens» (Ibid.).

«Falar dos homens a Deus e falar de Deus aos homens». Esta descrição é bem conhecida dos dominicanos: os primeiros irmãos descreviam assim o seu fundador, São Domingos. O Pe. Caffarel trabalhou muito com dominicanos, tal como o Pe. Carré. Por isso, conhecia esta frase, tão apropriada para descrever a actividade do padre.

4. O seu amor é habitado pelo amor de Deus

«Estes dois amores formam um só no coração do padre. Quando ele ensina o catecismo às crianças, perdoa os pecados, visita os doentes... não é só um sentimento de filantropia que o inspira. Tem, sem dúvida, compaixão pelo abandono, pelo sofrimento, pelo desespero de tantas almas. Mas anima-o uma energia muito mais poderosa: um dia, na sua oração, ouviu bater o Coração de Deus, descobriu o imenso amor paternal desejoso de se comunicar. Desde então, já não consegue encontrar repouso; uma força impele-o para todos os que se crêem órfãos, ignorando a boa notícia» (Ibid.).

Que palavras extraordinárias, estas do Pe. Caffarel! Ressoa nelas como que uma confiança. Quando ele se retirava para rezar, era habitado pelo amor de Deus por todos os seus filhos, os homens. Ouvimos como que um desenvolvimento contínuo do relato da sua vocação: «De repente, Jesus tornou-Se Alguém para mim...» e «desde esse dia de Março de 1923, tenho apenas um desejo: entrar eu próprio mais na intimidade com Cristo e levar os outros a entrarem também nessa intimidade, porque isso foi fundamental na minha vida e deu-me a alegria de viver, a graça de viver, o entusiasmo de viver. Afinal, não posso deixar de desejar aos outros esse encontro com Cristo vivo, essa descoberta de que Deus é amor» (Jean Allemand, Henri Caffarel, um homem cativado por Deus, Lucerna, pp.18-19).

III. A complementaridade dos dois sacramentos

Permitam-me que vos cite outro belíssimo texto do Pe. Caffarel:

«Passava eu o último serão de um retiro em casa dos amigos que me tinham convidado a pregá-lo. Subi tarde para o meu quarto e, ao fechar as persianas, **vi luzes através das árvores**. Voltaram para casa, pensei, lembrando-me das pessoas que faziam o retiro, e naquelas casas há certamente, esta noite, uma ternura humana mais ardente e um maior amor de Deus.

Foi então que se me impôs uma meditação imprevista e que me apercebi claramente **da afinidade que existe entre o matrimónio e o sacerdócio**, o laço que une a família cristã ao padre. Como são belos esses casais! E é essa felicidade, essa plenitude, que Cristo pede ao seu padre que ofereça em

sacrifício. Como é maravilhoso o dom do discípulo ao seu Mestre! Como é possível que seja precisamente aquele que renunciou ao amor e à paternidade que tem o poder de reanimar a chama no casal? Que paradoxo é este? Não, não é um paradoxo, mas uma misteriosa correspondência entre a Ordem e o Matrimónio.

*Na verdade, seria muito superficial pensar que o padre se abstém de formar um lar por desprezo pelo amor e pela família. Não é por desprezo mas por dedicação: ele é o cordeiro marcado para o sacrifício, a fim de Deus abençoar todo o rebanho. Assim, a renúncia de um explica a pureza e o fervor do amor nos outros. Nesta perspectiva, tornar-se-á evidente que o padre e o casal devem compreender-se, apoiar-se mutuamente? Não seria bom que **o casal tivesse pelo padre uma gratidão ardente**, apreciando ainda mais o seu sacrifício na medida em que a sua própria vida familiar é mais feliz e mais intensa e que ele reza para que a amizade de Cristo transforme a solidão do apóstolo?» (L'Anneau d'Or, nº 14, «Le foyer et le prêtre» (O casal e o padre), p. 6)*

Comentários

1. Em primeiro lugar, sobre as luzes na noite

Os casais vivem um amor mais ardente... Como não o admitirmos? Não se trata de orgulho, é claro. Mas o Senhor pôs nos nossos lábios a sua palavra de vida. Ficamos muitas vezes maravilhados com o que o Senhor faz através e nós. Não trabalhamos em vão. O instrumento foi fiel.

2. A afinidade entre os dois sacramentos

Afinidade “invertida”. O afecto, a ternura, o que faz a plenitude do casal é o que falta ao padre, mas também o que fará a sua plenitude. O Pe. Caffarel vê a felicidade do casal no desabrochar da ternura e a felicidade do padre na ausência dessa ternura. Porquê? O padre «renuncia», oferece. O padre só tem Deus entre ele e os outros. Só Deus é dado. Toda a sua alegria, todo o seu equilíbrio, vêm daí. Quando o padre quer ocupar todo o espaço, substituir-se a Deus, deixa de estar na realidade da sua vocação.

Por outras palavras: uma pessoa que trabalhou muito com o Pe. Caffarel disse-me um dia – eu ainda não era postulador: «O Pe. Caffarel era, por vezes, demasiado exigente. Fez-me sofrer algumas vezes. Há três pessoas que me fizeram chorar: o meu pai, o meu marido e ele! Mas que quer você? Ele deu-nos Deus». Seja-me permitido dizer que, se fosse necessário dar uma definição de padre, eu diria: «**Dar Deus**».

3. A gratidão ardente dos casais para com o padre

Nunca esquecerei o acolhimento que me foi proporcionado aquando do meu primeiro encontro com a equipa nacional da qual viria a ser conselheiro espiritual. Cheguei. Cumprimentei cada um, amavelmente, está claro! Os equipistas à volta da mesa também foram amáveis. Rapidamente se me impôs uma evidência: é certo que fui bem acolhido porque sou uma pessoa sorridente, etc. Sim, mas foi muito mais do que isso! Eles acolheram o padre. E isso é que foi espantoso. Nestes tempos



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

em que, pelo menos na Europa, o padre é muitas vezes desprezado, por vezes suspeito, como é bom ver casais a honrar o padre. Não a adulá-lo estupidamente, mas a estimá-lo pelo que ele representa e pelo que ele próprio deseja dar de todo o coração, de todo o seu ser: dar Deus.

Esta relação entre casal e padre é essencial para o futuro da Igreja: a maneira de viver a relação entre os nossos dois sacramentos pode ser fonte de equilíbrio, de dinamismo, de renovação para a Igreja.

4. A fecundidade do padre, a sua paternidade

São Paulo fala disso aos gálatas: «*Meus filhos, por quem sinto outra vez as dores de parto, até que Cristo se forme em vós...*» (4,19). Não digo que a nossa presença no meio da equipa seja dolorosa, não é o meu caso, mas não temos todos nós essa inquietação, esse desejo ardente de que a equipa possa avançar para Deus, que cada casal possa encontrar paz, alegria, em suma, o Senhor? Gostaríamos que Cristo «se formasse neles». Se o padre vem não para «receber» mas para «dar», então **ele quer dar Deus**. E que grande é a premência que ele sente!

Dar Deus exige um grande despojamento. Lembro-me de uma observação do irmão Christophe, monge, mártir de Thibirine: «*Tinha de fazer uma homilia. E hoje proferi-a. Sinto-me vazio: privado do sentido das palavras pronunciadas há pouco com persuasão e convicção: amar, rezar. Elas recebiam força, luz, verdade, não de mim mas do Evangelho. Mas esta noite perdi o gosto. Elas já não me dizem nada. Foste Tu quem as pronunciou*» (*Le souffle du don*, Bayard, Paris, 1999, p. 21). Confidência difícil mas tão comum!

A nossa fecundidade passa por esse vazio, por esse **despojamento de nós próprios**. Pode então nascer a alegria. A educação dos filhos pelos pais também não é fácil. Mas a alegria nasce quando, finalmente, a maturidade, a liberdade, a estabilidade, surgem naqueles que tanto amamos. O padre sabe isso. Ele dá Deus. Sabe o que isso exige. Sim, a alegria nasce do facto de dar a vida.

A alegria de dar a vida! O Pe. Caffarel descreve-a admiravelmente, e como não ouvir nessa descrição uma confidência da sua parte, a sua alegria diante daqueles que descobrem o Senhor? «*Há corações que se abrem, ávidos da graça dos sacramentos e dessa palavra de Deus que é resposta às interrogações angustiantes, regra de vida, alimento das almas. O padre experimenta então uma alegria misteriosa que não se assemelha a nenhuma outra: a vida estava nele; de repente, comunicou-a. Se quiser utilizar palavras para traduzir o que se passou, só pode dizer como São Paulo: "Podereis ter muitos pedagogos, mas tereis sempre um único pai"*» (*L'Anneau d'Or*, 1955).

IV. O Padre Conselheiro Espiritual e a equipa

Parece-me que tudo o que foi dito anteriormente revela bem a afinidade entre os dois sacramentos, o da Ordem e o do Matrimónio, como refere o Catecismo da Igreja Católica. Ora, as Equipas de Nossa Senhora afirmam também que **a presença do Padre Conselheiro Espiritual faz parte do seu Carisma**. Não podemos prescindir da sua presença. Isto é repetido regular e oficialmente. Percebe-se bem

porquê, de tal modo os dois sacramentos estão unidos na sua orientação profunda. Como dizer isto de novo?

1. Por causa do seu sacramento

Quando, em 1939, os primeiros casais descobriram, com o Pe. Caffarel, «*as grandezas do sacramento do matrimónio*», descobriram, ao mesmo tempo, as *do sacramento da Ordem*. A partir de então e de forma concreta, o lugar do padre é parte integrante do carisma das Equipas. A Carta confirma:

«Cada equipa deve ter um Conselheiro Espiritual. Com efeito, é indispensável a presença de um padre, pois não há planos de trabalho que possam substituir o contributo doutrinário e espiritual por ele traduzido». Concretamente, os equipistas descobrem o lugar insubstituível do padre na sua caminhada espiritual.

Mas não nos podemos enganar na compreensão da Carta. «O contributo doutrinário e espiritual do padre» decorre, em primeiro lugar e antes de mais, do sacramento que ele recebeu. Se ele tiver muitas competências, tanto melhor. Mas, **antes de mais, o padre enquanto tal, com o seu sacramento, é desejado e recebido nas Equipas**. É por causa da complementaridade dos dois sacramentos, do que os une – o serviço da comunhão na Igreja – que a partilha se faz em profundidade entre os casais e os seus Conselheiros Espirituais.

2. A experiência da complementaridade entre os dois sacramentos

A Carta acrescenta: «*O padre não dá apenas os princípios, mas ajuda ainda os casais a procurar introduzi-los na sua vida. Esta **colaboração** é frutuosa. Padres e casais aprendem a conhecer-se, a estimar-se e a colaborar; as grandes intenções apostólicas do padre são adoptadas pelos casais; o padre leva para a missa esses casais cujos esforços, lutas e anseios ele conhece*».

Encontramos aqui o que o Pe. Caffarel dizia a respeito da sua própria experiência: «*Desde esse dia de Março de 1923, tenho apenas um desejo: entrar eu próprio mais na intimidade com Cristo e levar os outros a entrarem também nessa intimidade, porque isso foi fundamental na minha vida e deu-me a alegria de viver, a graça de viver, o entusiasmo de viver. Afinal, não posso deixar de desejar aos outros esse encontro com Cristo vivo, essa descoberta de que Deus é amor*» (Jean Allemand, *Henri Caffarel, um homem cativado por Deus*, pp. 18-19).

3. Um equipista como os outros, mas padre

O padre não está na equipa para dirigir. As Equipas são um movimento de leigos, conduzido por leigos. O padre fica assim liberto do dever de organizar e de conduzir as reuniões. **Situa-se como os outros: vem para escutar e aprender**. Pela escuta da vida, dos anseios, das dores e das alegrias dos casais, abre-se cada vez mais à vida dos homens e das mulheres. Talvez já tenha uma grande experiência humana: mas cada um é único, cada casal tem a sua personalidade. Assim, o padre cresce através da fraternidade com os equipistas, vê também a sua própria existência situar-se nesse tecido humano que é uma equipa e encontra nela força, paz e também consolo. Muitos padres dizem



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

que não teriam resistido no seu sacerdócio se não tivessem sido ajudados pelos casais, por vezes pela sua simples presença discreta e compreensiva.

Mas, se é verdade que o padre é um equipista, continua a ser o Padre Conselheiro Espiritual. Todos conhecemos a palavra de Santo Agostinho: «*Cristão convosco, bispo para vós*». Os padres sentem isto fortemente: é-lhes pedido que dêem o que é o centro da sua vida, que dêem a vida de Deus. Toda a aspiração profunda do Pe. Caffarel, que já descrevemos, conflui aqui na experiência dos Conselheiros Espirituais. Eles são fortalecidos no seu sacerdócio porque se lhes pede que dêem o que é a profundidade da sua vida: a vida de Deus. Mas o padre responde a este pedido porque também os casais revelam o que faz a grandeza, a verdade, a beleza e também as sombras e os combates da sua vida de casal no seguimento do Senhor.

4. A sua partilha

No seguimento do que acabámos de dizer, é evidente que o Conselheiro Espiritual participa neste momento tão particular e tão original da vida de uma equipa: a partilha. **É claro que ele está vinculado à mesma discricção que os casais, mas também à mesma abertura confiante a todos.** Também é uma ajuda para os casais verem que o seu Conselheiro Espiritual luta, combate e, por vezes, desanima. Seguir o Senhor não é fácil nem para os padres nem para os casais. Mas é bom ver que a graça dos nossos sacramentos (o do matrimónio ou o da ordem) é forte: é possível ter nela um apoio. Mais uma vez, nos momentos difíceis, descobre-se a comunhão entre os dois sacramentos instituídos para a salvação dos outros: os casais e o padre vivem uma partilha profunda, fonte de auxílio e de vida.

5. O seu discernimento

O padre é sempre um «pai». A sua palavra pode ser decisiva numa conversa entre os casais da equipa ou com um casal em particular. O Conselheiro Espiritual não pode esquivar-se à sua responsabilidade. Às vezes, alguns equipistas queixam-se: «O nosso Conselheiro Espiritual nunca se pronuncia, limita-se a olhar!». Outros queixar-se-ão do contrário. **O discernimento do Conselheiro Espiritual é, por vezes, decisivo: uma palavra, um sorriso, uma explicação do evangelho, uma oração, pode abrir a equipa ou um equipista à luz, a uma descoberta sobre Deus, sobre si próprio ou sobre o cônjuge, à vida...** A paternidade do Conselheiro Espiritual exerce-se através dessas intervenções que ampliam a procura dos casais. O padre foi ordenado para conduzir os fiéis a Deus. É grande a nossa responsabilidade! É a de um pai que ama.

A este propósito acrescento apenas que a fórmula de Santo Agostinho é realmente verdade: «*Cristão convosco, bispo para vós*». O principal qualificativo do bispo – e, portanto do padre, seu colaborador – é o de “pai”. Como diz São Paulo – e magnificamente retomado pelo Pe. Caffarel –, «*Ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, porque fui eu que vos gerei em Cristo Jesus, pelo Evangelho*» (1 Cor 4,15). A experiência mostra que damos a vida de Deus, «geramos», diz São Paulo. Não podemos chamar “meus filhos” àqueles que nascem do nosso ministério porque os gerámos para Deus: pela graça de Deus, são filhos de Deus e tornam-se então irmãos para nós. Assim é nas Equipas: somos pais e irmãos segundo a graça de Deus.



Equipes Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

6. O seu discernimento sobre a vontade de Deus

O Pe. Caffarel, «apóstolo para o nosso tempo», segundo a expressão do Cardeal Jean-Marie Lustiger, ao tempo arcebispo de Paris, compreendeu o que o Senhor queria para os casais, de forma a indicá-lhes o caminho de santidade graças ao sacramento do matrimónio. Cada Conselheiro Espiritual deve fazer o mesmo trabalho na sua equipa: compreender **o que o Senhor procura naquela equipa que ele acompanha com inteligência e afecto**. Pela escuta dos casais, pela sua oração, com a ajuda do Espírito Santo, tem palavras que iluminam.

7. A sua pobreza

Nem todos os Conselheiros Espirituais são perfeitos. Servimos com as nossas limitações, que são todo o tipo. Não há nisto nada de anormal. Mas **as nossas limitações também podem ser oportunidades**. Porque a misericórdia que temos uns para com os outros em muitas ocasiões unem-nos e fortalece-nos: só Deus é bom.

8. O amigo

Sabemos que a amizade depende do que é posto em comum, do que constitui a sua origem. Há amizades que se baseiam no trabalho, no desporto ou na dedicação aos outros. **Padres e casais receberam a vocação do amor**. Deus é fonte do amor. Há, portanto, uma amizade profunda que se pode construir entre equipistas e conselheiros espirituais. Essa amizade é regularmente alimentada pela “partilha”, em que a procura de Deus é posta em comum.

Conclusão: «A Igreja em miniatura»

«Os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do Matrimónio, significam o mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja» (Lumen Gentium 11). Já São João Crisóstomo falava do lar cristão como uma «Igreja em miniatura». Esta expressão foi retomada por São João XXIII e pelo Beato Paulo VI. Os membros das Equipas de Nossa Senhora estão muitas vezes empenhados na Igreja: ali estão em sua casa. Pelo baptismo, é claro, mas de forma particular pelo seu sacramento do matrimónio, os casais descobrem uma profunda coerência entre o seu sacramento e o mistério da Igreja. Percebe-se que os padres conselheiros espirituais possam de forma natural encontrar o seu lugar nas Equipas.

Pe. Paul-Dominique Marcovits, o.p.